

OS FILHOS DA TERRA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM OS SEM TERRINHA NO ASSENTAMENTO CHICO MENDES III**THE CHILDREN OF THE EARTH: ENVIRONMENTAL EDUCATION WITH THE SEM TERRINHA IN THE SETTLEMENT CHICO MENDES III****LOS HIJOS DE LA TIERRA: EDUCACIÓN AMBIENTAL CON LOS SEM TERRINHA EN EL ASENTAMIENTO CHICO MENDES III**Eliane Conceição Rojas de Andrade¹José Nunes da Silva²Jorge Luiz Schirmer de Mattos³**RESUMO**

Trata-se de um projeto de educação ambiental realizado em 2011 no Assentamento Chico Mendes III, localizado no município de São Lourenço da Mata-PE, envolvendo 14 crianças. Para tal lançou-se mão de oficinas, sete ao todo, que são apresentadas de forma detalhada constando de objetivos, proposta pedagógica, procedimentos e descrição. Os resultados apontaram repercussões positivas nas atitudes das crianças, que se demonstraram mais sensíveis ao apelo da natureza, bem como desencadearam situações que propiciaram o diálogo sobre as questões ambientais no núcleo familiar.

Palavras-chave: Educação ambiental. Assentamentos rurais. Sem Terrinha.

ABSTRACT

An environmental education project were carried out in 2011 at the Chico Mendes III settlement, located in the municipality of São Lourenço da Mata-PE, involving 14 children. Seven workshops were launched which were presented in a detailed way, with objectives, pedagogical proposal, procedures and description. The results showed positive repercussions on children's attitudes, which were more sensitive to nature's appeal, as well as triggering situations that allowed the dialogue on environmental questions in the family nucleus.

Keywords: Environmental education. Rural settlements. Sem Terrinha.

RESUMEN

Se trata de un proyecto de educación ambiental realizado en 2011 en el Asentamiento Chico Mendes III, ubicado en el municipio de São Lourenço da Mata-PE, involucrando a 14 niños. Para ello se echó mano de talleres, siete en total, que se presentan de forma detallada, constando de objetivos, propuesta pedagógica, procedimientos y descripción. Los resultados

¹ Licenciada em Ciências Agrícolas – UFRPE. E-mail: elianefloresta@hotmail.com.

² Doutor em Sociologia – UFPE. E-mail: zenunes13@yahoo.com.br.

³ Doutor em Zootecnia – UFV. E-mail: jorge.mattos@ufrpe.br.

mostraron repercusiones positivas en las actitudes de los niños, que se mostraron más sensibles al atractivo de la naturaleza, así como desencadenaron situaciones que propiciaron el diálogo sobre las cuestiones ambientales en el núcleo familiar.

Palabras clave: Educación ambiental. Asentamientos rurales. Sem Terrinha.

INTRODUÇÃO

Pelo menos uma vez na vida, todo homem (...) deveria dedicar-se a conhecer um determinado lugar, olhar para ele de tantos ângulos quanto possível, perguntar-se sobre ele e permanecer nele. Ele deveria se imaginar tocando-o com as mãos a cada estação do ano e escutar os sons que ele produz. Ele deveria imaginar as criaturas que fazem parte dele e todos os movimentos quase imperceptíveis do vento. Ele deveria recordar o brilho do meio dia, as cores do alvorecer e do crepúsculo. (MOMADEY, 1976).

Conhecer as origens causadoras dos problemas ambientais é um primeiro passo para se perceber que esses problemas não são frutos de uma evolução natural da dinâmica do meio ambiente, mas consequências da intervenção antrópica sobre o meio, e que essa intervenção vem rompendo a capacidade de suporte desse ambiente se auto-equilibrar através de sua dinâmica natural (GUIMARÃES, 2006). Segundo Leff (2013), a problemática ambiental, na verdade,

...mais que uma crise ecológica, é um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia com as quais a civilização ocidental compreendeu o ser, os entes e as coisas; da ciência e da razão tecnológica com as quais a natureza foi dominada e o mundo moderno economizado (LEFF, 2003, p. 19).

A crise ambiental que vivemos hoje é, portanto, resultante de um processo de construção social, que gerou a necessidade de repensar o sistema como um todo e as práticas e necessidades que se estabelecem no cenário atual. No entanto, se é verdade que a Educação Ambiental se configura de longe, como uma preocupação social construída historicamente, também é verdade que, na realidade, não se concretiza como uma preocupação de todos (CORDOVIL et al., 2018).

Nesse contexto, a educação ambiental deve-se inserir como um instrumento que pode funcionar como enfrentamento pedagógico da questão ambiental, visando a internalização da dimensão ambiental no sistema sócio-político, como modalidade educativa destinada a ocupar todos os espaços pedagógicos.

Nesse sentido, a função da educação ambiental toma um viés social e político, a partir do momento que alcança uma relação com a mudança social que vai além daquilo que

considera como seus objetivos convencionais, que não consideram ou não consideravam as possíveis consequências de atitudes indiscriminadas para a reversão da crise ambiental. Assim, a educação ambiental deve agir como vetor de transformação social, e não somente como transformação cultural pautada na transferência de conceitos ecológicos (LAYRARGUES, 2006).

Ademais, a educação ambiental deve emergir de forma horizontal ao processo educativo, contextualizado com a realidade ambiental, econômica, assumindo, principalmente, uma dimensão política; numa abordagem que compreende uma variedade de conceitos dinâmicos, constantemente construídos. E assim, temos uma educação ambiental emancipatória, crítica, popular, ecopedagógica, entre muitas outras que consideram a complexidade da realidade (LOUREIRO, 2004). A educação ambiental, nestas perspectivas, busca uma solução em meio à crise ambiental, social e econômica da atualidade, considerando a realidade percebida pelas pessoas num movimento de transformação do indivíduo de forma coletiva, constituindo uma nova compreensão do mundo e instrumentalizando os diversos atores sociais na busca de melhores formas de intervenções (GUIMARÃES, 2004). É nesse aspecto, que a educação ambiental não formal ocupa espaço, atuando na esfera da sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

Projetos de extensão envolvendo educação ambiental têm sido propostos e executados no âmbito universitário para o meio urbano envolvendo temáticas como: tratamento do lixo, poluição dos rios por esgotos domésticos, uso sustentável da água, poluição sonora e atmosférica, etc. (REIGADA; REIS, 2004). Contudo, poucas são as iniciativas que pautam a educação ambiental no meio rural, em especial comunidades em que se desenvolve a agricultura familiar, envolvendo os problemas ambientais próprios daquele meio (DIAS; DIAS, 2017). Menos frequentes ainda são os trabalhos de educação ambiental envolvendo prioritariamente as crianças que vivem no meio rural. E conhecer desde as suas concepções, sobre o meio em que vivem, ampliar as suas percepções e despertar seu imaginário com criatividade através de atividades lúdicas podem contribuir para uma melhor compreensão e convivência com meio natural por parte daqueles que serão os futuros manejadores dos recursos naturais. De acordo com Silva e Silva (2013, p.353), a educação ambiental deve ser vista como:

...um conjunto de saberes, mas principalmente como uma prática capaz de favorecer mediações que permitam a vivência sensorial, afetiva, cognitiva e motora da criança

de modo integral com o ambiente natural e construído. Impõem-se os desafios de extrapolar conteúdos, requerendo o profundo conhecimento tanto da criança como do contexto socioambiental em que se constitui e que dele é parte constitutiva, e de compreender não apenas a criança e o ambiente, ou a criança no ambiente, mas principalmente a criança do ambiente. (SILVA; SILVA, 2013, p.353).

Assim a educação ambiental pode agir como vetor de transformação social e não somente pautada na transferência de conceitos ecológicos, geralmente originados a partir de uma lógica meramente urbana e dos e para os mais adultos. Daí a importância de ações profundamente contextualizadas e consubstanciadas nas vivências locais, cujo protagonismo resulte da aproximação das gerações atuais, sem prescindir de uma prática potente que potencialize a reflexão-ação-reflexão como ato pedagógico e de aprendizagem nos projetos de educação ambiental. Fato é que diversas pesquisas no âmbito da “educação ambiental vêm mostrando a necessidade da prática do pensar e fazer em conjunto com o aprender a aprender” (DIAS; DIAS, 2017).

Pensando nisso em 2009 com o auxílio de um diagnóstico rápido participativo, via caminhadas transversais (VERDEREJO, 2006), avaliou-se aspectos econômicos, sociais e ambientais do Assentamento Chico Mendes III. A área do Assentamento pertencia ao antigo Engenho São João de propriedade do grupo Votorantim, mas que faliu em 1990. Esta localiza-se no km-88 da BR 408, na divisa dos municípios de São Lourenço da Mata (a 3km da cidade) e Paudalho-PE (a 7 km da cidade).

Na ocasião observou-se que os dois rios que cortam o Assentamento, Goitá e Tapacurá, estavam com as margens desmatadas e apresentavam fortes sinais de assoreamento, bem como recebiam a montante dejetos das cidades e dos engenhos de cana-de-açúcar. Também se identificou tratamento inadequado do lixo doméstico, fontes de água em locais inapropriados, presença de erosão nas áreas de cultivo, prática da queimada e corte de árvores para lenha e construção, que deveriam ser preservadas para proteção do entorno das nascentes e rios. Não obstante, a contaminação das lavouras e dos próprios assentados, nascentes e rios via pulverização aérea de agrotóxicos pelos engenhos de cana-de-açúcar vizinhos foi o problema ambiental mais grave mencionado nas falas dos assentados. Tal fato foi, inclusive, objeto de denúncia junto ao Ministério Público e de uma audiência pública.

Em 2010, a partir do diagnóstico, várias atividades foram realizadas com os adultos no âmbito do Programa Extensão intitulado Transição agroecológica no Assentamento Chico Mendes III - educação ambiental e revegetação das margens dos rios Goitá e Tapacurá (PROEXT 2010/Edital no 5), com propósito de aprofundar a dimensão ambiental no

Assentamento através de ações concretas, pensadas e executadas a partir do conhecimento prévio dos assentados: reflorestamento com 15.000 mudas de árvores, palestras, reuniões, intercâmbios e oficinas sobre destino adequado do lixo doméstico, práticas sustentáveis de uso do solo e da água, malefícios das queimadas e dos agrotóxicos, etc. Nesse sentido, procurou-se privilegiar o conhecimento, o saber popular e as alternativas relacionadas a cultura ambientalista (RUSCHEINSKY; COSTA, 2002, p.73). Contudo, até então as ações haviam focado o grupo de adultos do Assentamento e com pouca atenção as crianças. Assim, o presente trabalho envolveu atividades de ensino de cunho não formal realizadas em 2011 com 14 crianças do Assentamento, os chamados “Sem Terrinha”, “filhos da reforma agrária” ou “filhos da terra”. O objetivo deste trabalho foi inserir os mais novos na dinâmica de revalorização do meio ambiente do Assentamento e fazer aflorar a identidade com a terra, a água e as plantas e o sentimento de pertença ao lugar, que hoje podem chamar de seu.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado de abril a dezembro de 2011 envolvendo crianças e, indiretamente, os pais do Assentamento Chico Mendes III. O tema central proposto diz respeito ao reflorestamento e seus temas conexos, tais como: desmatamento, queimadas e poluição dos rios. Desse modo, está em conformidade com outras ações que objetivaram de forma mais ampla contribuir com a transição agroecológica que está em curso no assentamento Chico Mendes III.

Para os procedimentos metodológicos adaptou-se o modelo proposto por Rosa (2007), para quem um projeto de educação ambiental compreende quatro fases que ocorrem em relativa ordem cronológica: concepção, planejamento, intervenção e avaliação da consolidação de aprendizagens. Nesse sentido, a intervenção ou realização das atividades constituiu-se em oportunidade impar para ampliar a percepção quanto à complexidade da questão ambiental do lugar, até porque as atividades foram elaboradas a partir da realidade do assentamento e compartilhadas com e entre as crianças e pais que participaram do presente projeto.

Para a execução do projeto lançou-se mão de oficinas, que por suas dinâmicas, facilitaram sobremaneira o envolvimento das crianças e eventualmente dos próprios pais nas atividades. Segundo Ruas et al. (2006) oficina constitui:

...uma reunião de trabalho envolvendo grupo de pessoas que se dispõe a tratar de questões de interesse comum. Os participantes discutem problemas e potencialidades, trocam experiências vividas e propõem alternativas de soluções condizentes com a realidade e encaminhamentos necessários. (RUAS *et al.*, 2006, p.109).

Ao todo foram realizadas sete oficinas envolvendo temas relativos a aproximação e contemplação da natureza, a reutilização de materiais do lixo, aos animais, as sementes, as limitações e potencialidades do lugar, ao tratamento dispensado aos rios e a memorização dos conteúdos trabalhados nas oficinas. Todos estes temas foram tratados de forma lúdica com o auxílio de recursos didáticos e estratégias pedagógicas, tais como: roda de conversa, contação de estórias, jogos de adivinhação, jogos de tabuleiro, muro das lamentações, jogos de olhos vendados, desenhos, pinturas, caminhadas, produção de brinquedos a partir de materiais do lixo, banho de rio, piquenique, cuidado e muito afeto. O relato de cada oficina constou de objetivos, proposta pedagógica, procedimentos e descrição.

RESULTADOS

OFICINA I – Eu sou a própria natureza, ela está em mim e ao meu redor

Esta atividade contemplou além dos seus objetivos específicos a função de imergir as crianças na temática da educação ambiental, ocupando-se da sensibilização na medida em que foram trabalhados aspectos da percepção e da sensibilidade das crianças para uma compreensão essencial do papel de cada uma dentro do assentamento e do mundo.

a) Objetivos: Trabalhou-se a percepção das crianças explorando suas sensibilidades e seus sentimentos e saberes sobre a natureza, propiciando-se as condições para as crianças retratarem o assentamento, sob uma perspectiva ecológica, a partir de seu próprio olhar.

b) Proposta pedagógica: As atividades foram desenvolvidas focando a ampliação da percepção das crianças, explorando ao máximo sua criatividade e inserindo a ótica lúdica na convivência com meio natural, utilizando-se de roda de conversa e do jogo de olhos vendados.

c) Procedimentos: Formou-se um círculo e conversou-se sobre a importância do meio ambiente e, perguntas orientadoras foram formuladas para as crianças explicitarem seus conhecimentos prévios sobre a temática. Em seguida colocou-se vendas nos olhos das crianças e passou-se um mesmo objeto de mão em mão, de modo que cada criança ao sentir através do tato descrevesse as suas características. Na sequência disponibilizou-se objetos

específicos (animaizinhos de brinquedo), sendo um para cada criança, para que de olhos vendados, descrevessem as características dos mesmos. Uma vez experimentado outros sentidos, as crianças ainda de olhos vendados foram conduzidas pelo (a) o(a) companheiro(a) a um lugar ou artefato atrativo da natureza, por exemplo: sementes, árvores, folhas, solo, etc.

Neste caso, uma criança foi os “olhos” da outra, ou seja, conduziu-a de olhos vendados até o aparato e de volta ao ponto inicial. Este procedimento se repetiu, porém invertendo-se as funções, ou seja, quem estava de olhos vendados passou a guiar o(a) companheiro(a) e vice-versa. Por fim, conversou-se sobre a experiência dos olhos vendados e voltou-se ao local/artefato, porém desta vez sem as vendas nos olhos. Depois, de acordo com a percepção de cada uma das crianças, desenhou-se o local/artefato visitado e compartilhou-se o desenho com os demais. Também se realizou o reconhecimento de uma área com árvores, água, animais e refletiu-se sobre a importância de sua preservação. O reconhecimento constou de uma caminhada até o lago próximo a escola, que possui uma pequena porção de água, onde foi discutido sobre a importância do acesso à água e sua preservação para a sobrevivência das plantas, dos animais e das pessoas. Foi então que se estabeleceu um momento de silêncio para aflorar a percepção auditiva da natureza, seguido de relaxamento, alongamento e exercício respiratório.

d) Descrição: A roda de conversa com as crianças sobre a importância do meio ambiente demonstrou-se tímida inicialmente. Mas foi estimulada com a formulação de algumas perguntas sobre o que elas estavam vendo na escola a respeito da temática ambiental e o que entendiam sobre ela. Isso facilitou a dinâmica e a participação.

Em seguida, com vendas nos olhos, as crianças foram orientadas a passar um objeto específico (um animalzinho de brinquedo), de mão em mão. Antes, porém cada criança compartilhou com os demais as suas “descobertas”, percebidas através do tato, com relação às características do objeto. Em seguida cada uma das crianças ficou com um objeto diferente percebendo-o em suas características particulares e relatando-as aos demais. Esta atividade aguçou ainda mais a sensibilidade das crianças, que perceberam que a descoberta das coisas do mundo pode se dar de outras maneiras como, por exemplo, através do tato.

Depois disso as crianças foram separadas em grupos de dois, sendo uma responsável por conduzir seu(a) companheiro(a) com os olhos vendados a um lugar ou artefato com aspectos naturais. Nesse caso uma criança foi a guia ou os “olhos” da outra. O objetivo foi criar um ambiente de cooperação e estimular a confiança e companheirismo entre elas. Após,

as crianças de olhos vendados foram reconduzidas ao local inicial, ocasião em que os papéis se inverteram, ou seja, quem estava de olhos vendados passou a conduzir o(a) outro(a) e vice-versa. Isso por certo aumentou ou despertou certo grau de solidariedade entre ambas, na medida em que uma passou a ser “os olhos” ou guia da outra, mas principalmente porque ambas vivenciaram a experiência de conduzir e ser conduzida. Ou seja, cada uma experimentou o poder de conduzir e o ato de entrega ao ser conduzida com base na confiança mútua.

Em seguida foi feito uma roda de conversa sobre a impressão de cada uma das crianças sobre a experiência. As crianças perceberam que ao descobrirem as coisas do mundo pelo tato e ao experienciarem novas sensações, também se descobriram. Muitas declararam que se sentiram inseguras no início, mas que a orientação do(a) companheiro(a) deixou-os(as) mais tranquilos(as) e a vontade. Logo após esse relato as crianças voltaram ao local ou artefato sem a venda nos olhos. E foram desafiadas a relatar na forma de desenho como cada uma via o local ou artefato. Esses desenhos foram então socializados com os demais, com vistas a um aprendizado coletivo.

A última atividade constou de uma caminhada até o lago próximo a escola e que possui uma pequena porção de água. Lá se discutiu sobre a importância do acesso a água e sua preservação para a sobrevivência das plantas, dos animais e das pessoas. E a conclusão foi que sem água não há plantas e animais e tampouco pessoas. Também foram feitas sugestões para mudar o local para melhor. Foi então que surgiu a ideia de se reflorestar as margens do lago para protegê-lo. Depois fez-se um momento de silêncio para que cada criança desenvolvesse uma percepção auditiva do seu corpo e da natureza ao redor, seguido de alongamentos e exercícios respiratórios. No retorno do lago encontrou-se uma planta de urucum, cujas sementes foram usadas pelas crianças para pintarem umas as outras na mais pura harmonia e interação lúdica entre o grupo e com a natureza.

OFICINA II – A arte de recriar: separar, reutilizar e reciclar

Esta atividade foi pensada para despertar nas crianças a criatividade e sensibilidade ambiental, através da construção de brinquedos feitos com materiais reutilizáveis e recicláveis. Criar é formar relacionando as coisas e apresentando-lhes uma forma nova (ADAMS, 2018).

a) **Objetivos:** Incentivou-se o contato das crianças com materiais reutilizáveis e

recicláveis do lixo das suas próprias casas, de modo conhecerem a importância da separação e seleção do lixo, mas também estimulando suas habilidades artísticas ao transformarem os materiais reutilizáveis e recicláveis em brinquedos.

b) Proposta pedagógica: O foco principal foi à compreensão da importância do ato de reutilizar e reciclar materiais aparentemente sem nenhuma utilidade, com vistas a melhoria das condições do meio ambiente, em resposta ao uso indiscriminado dos recursos naturais e a produção de lixo doméstico. A proposta consistiu em atividades de sensibilização das crianças com vistas à reconstrução de sua autoestima e de uma nova “identidade” ao vivenciarem a transformação de materiais, conceitos e pré-conceitos através da reutilização de objetos e de suas vidas, na medida em que ao transformarem o lixo em arte também se transformaram e transformaram o mundo. Ou ao menos perceberam que isso é possível, mesmo que partindo de materiais ou situações aparentemente sem valor ou consideradas descartáveis pela família e a sociedade.

c) Procedimentos: Encarregou-se as crianças de coletarem do lixo em casa sucatas variadas: garrafas plásticas (de leite e de refrigerante de vários tamanhos), tampas e copos diversos, bandejas de isopor, retalhos de tecidos, papéis e papelão, potes com tampas, copinhos de iogurte, tubinhos de papelão, rolhas de cortiça, caixas de sapato e de camisa, potes plásticos, botões, palitos de picolé, latas, caixas de ovos, etc. Apresentou-se estudos de materiais recicláveis e não recicláveis. Separou-se os materiais trazidos pelas crianças. Definiu-se previamente os brinquedos que seriam construídos. Utilizou-se técnicas artísticas nos trabalhos com as sucatas (caixas, jornais, revistas, caixas de ovos, etc.), combinadas com recorte, colagem, montagens, painéis, desenho e pintura.

d) Descrição: A atividade iniciou com a apresentação de trabalhos com materiais recicláveis e não recicláveis. Abordou-se a importância de se fazer a separação do lixo. E assim se trabalhou a ideia geral de reciclagem, cujo mote principal foi a criatividade. Para logo depois serem apresentados e identificados os materiais levados pelas crianças a oficina. E, em seguida, o grupo foi estimulado a construir os brinquedos. Para tal, foram formados dois grupos com sete crianças cada um, sendo que um ocupou-se da fabricação de “bonecos de copinhos de iogurte”, utilizando copinhos de iogurte, fita, tesoura, tinta guache, papel liso e cola branca. E o outro grupo dedicou-se à confecção de “boliches de garrafa pet”, utilizando-se além das garrafas pets tintas guache, papel e fita adesiva.

Em seguida as crianças foram estimuladas a criar seus próprios brinquedos a partir de

sua criatividade usando os materiais disponíveis. Por fim, foi reservado um momento para as crianças brincarem com os brinquedos recém-construídos.

OFICINA III – O lugar dos animais

A relação das crianças que vivem no campo com os animais se estabelece de forma direta e intensa, em função da proximidade com a natureza. Daí as mais variadas percepções que perpassam o imaginário das crianças que vai desde o encantamento a pré-conceitos, muitas vezes advindos dos próprios pais, com relação a alguns animais. Isso é perceptível quando se dá voz e vez a imaginação das crianças, seja na contação de estórias e histórias, seja nas brincadeiras de adivinhação.

a) Objetivos: Explorou-se os conhecimentos, saberes e sentimentos das crianças sobre os animais, promovendo a imaginação criativa e a significativa através da contação de estórias.

b) Proposta pedagógica: Ao despertar a curiosidade das crianças para compreender os comportamentos dos animais, bem como seus habitats e interações, contribui-se para um melhor entendimento da importância destes animais na vida do planeta, de forma a evitar preconceitos, pré-julgamentos e maus tratos.

c) Procedimentos: Fez-se um círculo e conversou-se sobre a importância dos animais encontrados na natureza no Brasil. E de posse de várias figuras de animais fez uma dinâmica de contação de estórias grupal, cuja riqueza de detalhes e a diversidade perpassaram tantas ou mais experiências quanto foi o número de crianças presentes. Em seguida montou-se um quebra-cabeça cujo desafio foi relacionar os animais com o papel que cada um ocupa no seu habitat natural. Na sequência deu-se início as brincadeiras de adivinhação. Primeiro, prendeu-se uma figura de um animal nas costas de uma das crianças sem que ela soubesse de qual animal se tratava. Depois solicitou-se que essa criança permanecesse de costas para que o grupo identificasse em qual animal ela havia se transformado. Em seguida, orientou-se a criança a fazer perguntas as demais para descobrir sua identidade “animal”. Logo após, outra brincadeira teve início. Neste caso, uma das crianças escolheu um animal que gostaria de representar. E na sequência essa criança passou a se comunicar através de mímica, para que as demais tentassem adivinhar de qual animal se tratava.

d) Descrição: Em um círculo se conversou sobre os animais que as crianças conheciam e sobre a importância desses animais para as pessoas e a vida do planeta como um todo. Em

seguida várias figuras de animais que ocorrem na natureza foram disponibilizadas. Com base nas figuras as crianças foram criando e contando suas histórias e histórias. Depois se montou um quebra-cabeça onde se reconheceu que cada animal tem um papel fundamental dentro de seu habitat. Esta atividade se destinou a despertar as crianças para respeitar, valorizar e proteger os animais em geral, uma vez que cada um tem um papel na natureza. Logo após foi trabalhado a parte de adivinhação de animais. Primeiro uma criança com uma figura de animal colado nas costas tinha que adivinhar de qual animal se tratava, com base na orientação e pistas lançadas pelas demais crianças. Na segunda parte da adivinhação as demais crianças do grupo eram as que tinham que adivinhar de qual animalzinho se tratava, com base no uso de mímica protagonizada por uma das crianças (figura 3). A intenção com essa atividade foi a de despertar a imaginação através dos conhecimentos que as crianças possuíam sobre os animais.

OFICINA IV - As sementes da mãe terra

A coleta e o plantio de sementes colocam as crianças mais próximas dos fenômenos naturais como germinação, crescimento e desenvolvimento das plantas, mesmo em cenários onde as condições ambientais não sejam as ideais.

a) **Objetivos:** Despertou-se nas crianças a compreensão do significado e valor das sementes, ciclo de desenvolvimento das plantas, do plantio das espécies nativas via reflorestamento e recomposição da vegetação original.

b) **Proposta pedagógica:** O entendimento de como ocorre o processo natural de desenvolvimento das plantas, desde a germinação das sementes até as plantas se tornarem adultas, facilita a compreensão de que esse processo pode ser melhorado, acelerado e realizado pelo ser humano, com os devidos e necessários cuidados, de modo a auxiliar a natureza na difícil tarefa de recomposição da vegetação original.

c) **Procedimentos:** Fez-se um círculo e conversou-se sobre a atividade e a importância da coleta e plantio das sementes, conceituou-se semente, germinação e as transformações que ocorrem durante o processo evolutivo das plantas. Depois, fez-se uma caminhada com as crianças na área do assentamento para a coleta de sementes, ao mesmo tempo em que ia se explicando e valorizando os ciclos vitais de cada espécie. Em seguida, desenhou-se as sementes coletadas e elaborou-se perguntas e respostas sobre a sua importância. Por fim, as

sementes foram secadas e deixadas aos cuidados das crianças, que passaram a atuar como guardiões destas sementes, até o plantio.

d) Descrição: A coleta de semente iniciou com um passeio pelo assentamento, no qual as crianças puderam colher amostras de sementes de plantas que existiam a beira do caminho (figura 5). Durante o passeio foi explicado às crianças o conceito de semente, seu papel na natureza e os processos de transformação pelos quais ela passa desde a germinação até se transformar em árvore adulta. Em seguida as crianças desenharam o que elas imaginavam existir dentro das sementes. Mas para executar em essa tarefa levaram em consideração também o que iria acontecer quando estas germinassem, bem como o que precisariam para que crescessem saudáveis. Depois desta atividade as sementes foram separadas e secadas, para serem utilizadas no plantio.

Dando continuidade a esta atividade foi sugerido às crianças que durante a semana seguinte coletassem mais sementes. Antes do plantio, conversou-se um pouco mais sobre a importância de se fazer uma boa secagem e armazenagem das sementes. Em seguida as sementes foram plantadas em embalagens de polietileno contendo mistura de solo + esterco bovino (figura 6). Logo após foi escolhido um local para as mesmas ficarem alojadas e receberem os cuidados necessários para manter a umidade no solo através da rega diária.

OFICINA V – Problemas e soluções cotidianas

A identificação dos problemas e soluções sob o olhar criterioso e singelo das crianças possibilita enxergar novos ângulos e colher novas interpretações. Nesse sentido, o muro das lamentações permite não só uma visão crítica das crianças sobre os problemas do lugar onde vivem, mas também aponta possíveis soluções aos mesmos.

a) Objetivo: Desenvolveu-se nas crianças uma visão crítica sobre o lugar onde vivem, identificando os problemas e soluções do assentamento e representando na forma de desenho o que não funciona corretamente e o que precisa melhorar no assentamento.

b) Proposta pedagógica: A observação de fenômenos ambientais que caracterizam a situação ambiental atual do local com base em um diagnóstico realizado a partir da vivência das pessoas do lugar e nas suas capacidades críticas de análise e de ação, tornam a busca de formas de resolvê-los, melhorá-los e/ou superá-los mais profícuas.

c) Procedimentos: Realizou-se um diagnóstico do assentamento a partir da percepção

das crianças.

d) Descrição: As crianças foram incentivadas a desenhar e pintar em cartolina os problemas do assentamento (situação atual), e o que gostariam que mudasse (situação futura)(figura 7).

Em seguida foi feita uma dinâmica com amostra de várias fotos com enfoque ambiental. A dinâmica consistiu em mostrar uma sequência de fotos retratando problemas ambientais de lugares distantes (Europa, Estados Unidos, Japão e Moçambique), seguidas de fotos de lugares mais próximos (outros estados do Brasil, Recife e São Lourenço da Mata) e por fim o assentamento. Com base nas fotos se conversou sobre a problemática ambiental e a importância de se pensar o ambiente, não mais como algo distante, mas que nos circunda a todo o momento em qualquer lugar que estejamos. Com base nesse entendimento foram expostos e discutidos os conteúdos e mensagens dos desenhos, que revelaram como problemáticas principais a falta de energia, a ausência de plantas frutíferas e o descaso com os rios.

OFICINA VI - O rio que passa

A compreensão da importância dos rios para as pessoas e os animais, o cuidado em não poluí-los com produtos químicos e a necessidade de protegê-los via reflorestamento usando espécies nativas constituem-se em mecanismos úteis para despertar graus crescentes de consciência ambiental.

a) Objetivos: Abordou-se a importância dos rios e a necessidade de reflorestá-los, enfocando a conservação da água e do solo, com o plantio de mudas frutíferas nativas em local adequado nas margens do rio Tapacurá.

b) Proposta pedagógica: A sensibilização das crianças para a importância das matas ciliares em rios e nascentes, chamando atenção para os malefícios socioambientais relacionadas ao desmatamento, ao assoreamento do leito dos rios e à degradação do solo e para os benefícios da proteção dos cursos d'água, com o reflorestamento e conservação da água e do solo.

c) Procedimentos: Fez-se o plantio de mudas de espécies frutíferas produzidas pelas crianças em local escolhido por elas. Antes, porém, caminhou-se pelas margens do rio Tapacurá para observar os fragmentos de espécies nativas que ainda existem no local.

Discutiu-se sobre a função e a importância de recuperar a mata ciliar e preservar as nascentes do assentamento e fez-se um plantio simbólico de espécies nativas nas margens do rio Tapacurá.

d) Descrição: As atividades iniciaram pela parte da manhã com o plantio de mudas de espécies frutíferas produzidas pelas crianças numa oficina anterior. As crianças escolheram um local próximo de suas casas para o plantio das fruteiras e ficaram encarregadas de cuidar-las.

Em seguida fez-se um reconhecimento de algumas nascentes e das fontes de água (cacimbas) usadas para fornecer água para o consumo das famílias e dos animais.

A tarde se realizou uma caminhada até as margens do rio Tapacurá, onde se observou a presença de alguns fragmentos de árvores nativas da mata atlântica. Também se refletiu sobre a importância do rio Tapacurá para o assentamento, a necessidade de reflorestá-lo e de recompor a mata ciliar. Nesse momento foi feito o plantio simbólico de mudas de espécies nativas na margem do rio. Depois as crianças tomaram banho de rio, seguido de um piquenique.

OFICINA VII – **Recordar é rever brincando**

Retomar o aprendizado de forma lúdica permite rever o aprendido e reforçar o apreendido, resultado de uma caminhada mais ampla. E é aí que se encaixam os jogos de tabuleiro. Com perguntas bem-feitas, instigantes e criativas, entre um movimento e outro no tabuleiro, refresca-se a memória. E, neste caso, retrata o ato de aprender brincando, ao estimular a interação lúdica, cujo pano de fundo reside nos ensinamentos da educação ambiental.

a) Objetivo: Compreendeu-se através da ludicidade o nível atual do processo de ensino-aprendizagem das crianças com respeito à temática ambiental.

b) Proposta pedagógica: A compreensão da evolução das crianças com relação aos conceitos das questões ambientais ampliando-se com base na estrutura e dinâmica do jogo de tabuleiro. Ou seja, o jogo como um importante, poderoso e instigante instrumento de aprendizagem, que desperta e potencializa o interesse das crianças em virtude de seus aspectos lúdicos.

c) Procedimentos: Montou-se com as crianças um jogo de tabuleiro artesanal

constando de perguntas e respostas com base nos conteúdos desenvolvidos nas atividades das oficinas anteriores. Em seguida orientou-se as crianças para escolherem um objeto que às identificasse no tabuleiro. E, assim, os jogadores percorreram as casas do circuito fechado do tabuleiro, cumprindo as diferentes determinações exigidas pelas casas estrategicamente posicionadas ao longo do percurso do tabuleiro. Na ocasião os jogadores foram confrontados com questões do cotidiano e do lugar onde vivem. E passaram a desenvolver a capacidade de raciocínio na medida que se sentiram instigados e motivados pelos desafios impostos pelo jogo, que os fez pensar e resolver situações problemas vivenciadas anteriormente. Durante o percurso no tabuleiro os jogadores também se depararam com frases educativas que incentivavam e aprovavam atitudes ambientalmente corretas, e outras que reprovavam atitudes que colocam a natureza em risco. De sorte que os jogadores recebiam “prêmios” ou “punições”, dependendo da situação.

d) Descrição: A atividade teve início com as crianças escolhendo um objeto que às identificasse no jogo. Assim, cada uma das crianças levou para a roda seu objeto, tal como: pedras, folhas, paus, etc. de modo a representá-la no jogo de tabuleiro.

O jogo iniciou com 8 jogadores. O tempo médio de jogo oscilou entre uma hora e uma hora e 15 minutos. De modo que venceu o jogo, o jogador que primeiro completou o circuito. Contudo, depois da primeira rodada e com um conhecimento melhor das regras por parte dos jogadores, o tempo de jogo diminuiu, oscilando entre 40 e 50 minutos. Uma das grandes vantagens desse jogo é o seu dinamismo, mas também a sua capacidade de alcance, pois neste caso permitiu visualizar de forma sintética as várias questões relacionadas ao cotidiano das crianças, estimulando o aprendizado e a memória sobre os temas ambientais de seu interesse e de seu lugar, bem como os ensinamentos vivenciados pelas crianças durante as oficinas anteriores.

DISCUSSÃO

Os jogos de olhos vendados utilizados na Oficina I desvendaram novas sensações e percepções nas crianças. Ao desviarem os pensamentos em relação a si mesmas, seus sentidos se redirecionaram na tentativa de melhor captar o mundo a sua volta. A ponto de sentir o suave toque da natureza, ao tocá-la. E assim, a atenção das crianças com os olhos vendados focou-se em outros sentidos, que não a visão. E como a percepção intensificou-se mais por

meio do tato, do olfato e da audição o estímulo a esses outros sentidos passou a predominar no pensamento das crianças naquele momento. Isso propiciou a elas experimentarem outras sensações e a desenvolverem maior sensibilidade consigo, com seu corpo, com as outras crianças, a natureza e o mundo. Pois, a atividade, nas palavras de Silva e Silva (2013, p.360), “permitiu a expressão da criança em sua integralidade, a brincadeira possibilitou compreender as apreensões motoras, cognitivas e afetivas de suas vivências, na relação de ação, fusão e diferenciação ao mundo”. E isso criou um ambiente de cooperação e de estímulo à confiança e ao companheirismo entre elas.

O desenho e a pintura estimularam sobremaneira a criatividade das crianças na Oficina II, fazendo com que elas enxergassem e revelassem a realidade onde vivem a partir do seu olhar, da amplitude de sua própria lente. Tal fato permitiu que as crianças passassem a refletir sobre como essa realidade poderia ser melhorada. Também possibilitou que idealizassem espaços, lugares, “mundos” onde gostariam de estar e viver. E, para a surpresa geral, ao afixarem seus desenhos e pinturas no muro das lamentações as crianças se deram conta de que os problemas e as soluções por elas apontados são muito parecidos. Essa constatação reforçou a ideia de cooperação e possibilitou que trabalhassem coletivamente na resolução de problemas comuns a todos. Os problemas levantados pelas crianças serviram de temas orientadores e de base para o planejamento das próximas oficinas.

A apresentação de estudos com material reutilizado e a confecção de brinquedos foram fundamentais para despertar a sensibilidade das crianças para as múltiplas possibilidades de se construir coisas interessantes com base em objetos que aparentemente não mais poderiam ser aproveitados. Mas o ato da criação ocorreu efetivamente quando as crianças foram desafiadas a construir com liberdade seus próprios brinquedos. Fato é que criar naquele momento adquiriu um caráter de transformação, em que as crianças ao transformarem as coisas, também se transformaram e transformaram o mundo. E percebendo-se como parte dessas mudanças, as crianças cresceram ao ponto de compreenderem aspectos dentro de si que as levaram a experimentar uma sensação de empoderamento. Pois, ao criarem e recriarem de forma autônoma, criativa e divertida tornaram o velho, novo.

Durante a caminhada na Oficina IV foi possível observar a pouca presença de espécies arbóreas nativas no assentamento, decorrente da exploração secular da cana de açúcar na área. Daí a dificuldade em se obter as sementes das mesmas. Não obstante, a atividade foi importante para sensibilizar as crianças frente a esta realidade e valorizar a necessidade e a

importância do reflorestamento. E também de conhecer as espécies originárias da região, começando por compreender o seu ciclo natural, desde os fenômenos que ocorrem na semente até tornar-se indivíduo adulto. Nesse aspecto, as falas das crianças sobre o que havia dentro das sementes revelaram algumas respostas curiosas e outras bem próximas da realidade, conforme pode-se observar nos depoimentos a seguir: “tem uma plantinha lá dentro que vai virar árvore”, “elas precisam de sol, água, terra e cuidado”. Essa compreensão, ainda que mínima, sobre como ocorre a germinação das sementes e as condições necessárias para desencadeá-la, desdobrou-se no aguçamento da curiosidade e na disposição delas próprias realizarem o plantio. Fato é que prontamente se responsabilizaram por cuidar das sementes, das mudas e do futuro plantio a campo.

A abordagem de forma lúdica da importância dos animais na Oficina V provocou nas crianças sentimentos de aproximação com os mesmos, principalmente em se tratando de animais que comumente são considerados nocivos as pessoas como cobras, aranhas e escorpiões. Contudo, chamou a atenção o conhecimento prévio das crianças sobre os animais que os mesmos consideram, para além dos aspectos lúdicos ou ecológicos, fonte alimentar. Ocorre que, algumas aves, capivaras e peixes que eventualmente aparecem na área do assentamento têm sido abatidos pelos adultos para serem consumidos pelas famílias, e que muitas vezes se materializa na única ou uma das poucas fontes de proteína animal na dieta alimentar dos assentados. Isso ficou visível no momento em que as crianças contaram suas histórias sobre os animais que conheciam. Alguns inclusive relataram experiências com a caça de passarinhos e armação de arapuca. Assim, o conto de estórias e histórias foi uma interessante ferramenta de ensino-aprendizagem por estimular a criatividade, curiosidade e descoberta da diversidade cultural que as crianças e suas famílias têm sobre os animais. Mas que muitas vezes são reveladoras na prática de situações paradoxais de uma realidade que expõem a contradição da dificuldade de acesso a uma alimentação de base proteica animal com o simples e importante ato de preservação destes animais.

A oficina VI focou o rio Tapacurá, que faz a divisa da área do assentamento com propriedades vizinhas. Ambas as margens estão praticamente desmatadas. É desse rio que os assentados retiram água para irrigação dos cultivos. E é desse mesmo rio que eventualmente o Engenho vizinho retira a água para pulverização de herbicidas na cana, com riscos grandes para a contaminação da água do próprio rio e dos cultivos dos assentados. Esses fatos foram indagados pelas crianças mais velhas que perguntaram se “vale a pena reflorestar e cuidar do

rio se o engenho vizinho não cuida da mata e da água do outro lado do rio”. Essa questão serviu para retomar a discussão com as crianças sobre o entendimento que se deve ter sobre o meio ambiente, de modo a não entendê-lo como um lugar isolado, tampouco que está livre de agressões, mas que é um *continuum* de várias partes que se relacionam e que se completam. E que, por isso, cada um deve fazer a sua parte para a preservação ambiental. E no caso em questão tanto o assentamento quanto o engenho vizinho devem fazer a sua parte para recuperar suas matas e o rio.

Na Oficina VII o jogo de tabuleiro demonstrou grande potencial para atrair a atenção das crianças. Ao se interessarem pelo jogo, as crianças se envolveram na atividade e interagiram entre elas, e, por consequência, com os conteúdos abordados nas oficinas anteriores. E ao revisarem os assuntos, de conhecimento e de domínio delas, reforçou-se a ideia de valorização do lugar, do modo de vida e do contexto socioambiental próprios de onde vivem. Pois, “valorizar o contexto rural como espaço de vida e de produção que interage de modo equilibrado com a natureza auxilia...em atitudes sustentáveis”. (SILVA e SILVA, 2013). Ademais, por tratar-se da compreensão de que,

...existe uma diversidade de sustentabilidades construídas como produto das experiências humanas a partir da relação de intimidade e de envolvimento com que determinadas comunidades possuem com o lugar e com o meio ambiente. (VIEIRA, 2014, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com atividades práticas e manuais e utilizando-se da ludicidade, criou-se situações e espaços favoráveis à educação ambiental para as crianças junto ao Assentamento Chico Mendes III. Tal fato evidenciou a potência da educação ambiental quando se trabalha com crianças. Pois, como resultado observou-se uma maior afinidade das crianças com a vida, a terra, o solo, as plantas, os animais, o lugar e entre elas, com repercussões extremamente positivas no âmbito do núcleo familiar. Isso foi percebido durante o processo educativo, dado a amplitude e a profundidade do cuidado e dos afetos estabelecidos entre elas e destas com os processos e elementos da natureza, que resultaram em mudanças de valores e de atitudes. E que, por extensão, ergueram pontes de diálogo também com os adultos envolvidos, demonstrando que o problema da relação sociedade – natureza é de educação e não está necessariamente na educação, uma vez que também somos parte do mundo natural. Basta melhorar a lente e enxergar por outros ângulos a realidade ambiental para se perceber disso. E

ao olhar para ela não basta apenas contemplá-la, tampouco mensurar o tamanho do desafio que implica recuperar o curso alterado da relação sociedade – natureza, mas que cabe a cada qual a partir do seu lugar, do seu grupo, do seu território fazer a sua parte através de ações individuais, coletivas e concretas. E essa foi a percepção dos Sem Terrinha que ao seu modo mergulharam na proposta da educação ambiental não formal. Isso porque são filhos da terra e da reforma agrária e aprenderam a arte de viver bem no lugar em que estão, mesmo que as condições dadas não estejam ainda, segundo eles, como deveriam estar.

REFERÊNCIAS

ADAMS, B. G. **Projeto Apoema** – Educação Ambiental. Disponível em: <www.apoema.com.br>. Acesso em: Abril de 2018.

CORDOVIL *et al.* **A educação ambiental na educação do campo: uma relação de cumplicidade** Revista Interdisciplinar, v.11, n.3, p. 115-127, 2018.

DIAS, A. A. S.; DIAS, M. A. O. **Educação ambiental: a agricultura como modo de sustentabilidade para a pequena propriedade rural.** Revista de Direitos Difusos, v.68, p.161-178, 2017.

GUIMARÃES, M. **A armadilha paradigmática na educação ambiental.** In: LOUREIRO, C.F.B. (Org.) *et al.* Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, p. 15-29, 2006.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais.** Campinas: Papirus, 2004.

LAYRARGUES, P. P. **Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social.** In: LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, E. (Org.). A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, p. 15-64, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, p. 65-884, 2004.

LOUREIRO, F. B; LAYRARGUES, P. P; CASTRO, R. S (ORGS.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental.** São Paulo: Cortez, p. 72-103, 2006.

MOMADAY, N. S. **The way to rainy mountain.** Albuquerque/New Mexico: University of New Mexico Press, p. 88, 1976.

REIGADA, C.; REIS, M. F. C. T. **Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de pesquisa-ação.** Ciência & Educação, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.

ROSA, A. V. **Projetos em educação ambiental.** In: Ministério do Meio Ambiente. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, v.2, p. 273-288, 2007.

RUAS, E. D. *et al.* **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável - MEXPAR.** Belo Horizonte: Emater-MG, p. 134, 2006.

RUSCHEINSKY, A.; COSTA, A.L. A educação ambiental a partir de Paulo Freire. In: RUSCHEINSKY, A. (org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas.** Porto Alegre: Artmed, p. 73-89, 2002.

SILVA, J.B.; SILVA, A.P.S. Vivências de crianças no ambiente rural: aproximações e distanciamentos na educação infantil. **Revista Latinoamericana de Psicologia**, v.45 n. 3, p. 351-362. 2013.

SOUZA, T.Z. A educação ambiental popular: contribuições em práticas sociais.

Motricidades: Rev. SPQMH, v. 2, n. 1, p. 60-70, 2018.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático DRP. COTRIM, D.;

RAMOS, L. (Rev.) Brasília: MDA/SAF, p. 62, 2006.

VIEIRA, F.P. Por um envolvimento em educação ambiental. **Educação Temática Digital,**

v.16, n.3, p.395-407. 2014.